

**69 Eficiência de herbicidas em pré-emergência e pós-emergência no controle de plantas daninhas de folhas largas e folhas estreitas na cultura da soja (*Glycine max* (L.) Merrill).** — J.F. Franco\* e R. Forster\*\*, \*Union Carbide do Brasil Ltda. São Paulo, SP, Brasil, CEP 04543. \*\*Centro Experimental de Campinas - Instituto Agrônomo - Campinas, SP, Brasil, CEP 13100.

No ano agrícola 1981/82 realizou-se no Centro Experimental de Campinas do Instituto Agrônomo um experimento em soja cv. Paraná, visando verificar o efeito de herbicidas aplicados em pré-emergência e pós-emergência. O solo do local foi classificado como Latossolo Roxo, de textura média a argilosa e com teor de matéria orgânica de 2%.

O delineamento experimental adotado foi o de blocos casualizados, com 11 tratamentos e quatro repetições cada. As parcelas eram de 3,5 metros.

Os tratamentos incluindo herbicidas, doses de ingrediente ativos por hectare e forma de aplicação foram: A) chlorambena 2,25 kg-pré; B) chloramben a 3,0 kg-pré; C) alachlor a 2,15 kg-pré; D) chloramben a 2,25kg + surfactante (I) a 0,5%-pós; E) chloramben a 2,625 kg + surfactante a 0,5%-pós; F) chloramben a 3,0 kg + surfactante a 0,5%-pós; G) chloramben a 2,25 kg + mefluidide a 0,72 kg-pós; H) chloramben a 2,25 kg + bentazon a 0,96 kg-pós; I) mefluidide a 0,36 kg + bentazon a 0,72 kg-pós; J) testemunha capinada e L) testemunha ao mato.

As aplicações foram feitas com um pulverizador costal a pressão constante (CO<sub>2</sub>), com uma barra de 3 metros e seis bicos 8002, proporcionando um consumo médio de calda por hectare de 500 litros para as aplicações em pré-emergência e 250 litros para as aplicações em pós-emergência. Por ocasião da aplicação em pré (18.11.81) o solo se apresentava com teor de umidade médio, tendo ocorrido precipitação de 55,1mm dois dias após a aplicação e 25,3mm no dia seguinte. Após dois dias da aplicação em pós-emergência (11.12.81) ocorreu 26,4mm de chuva, não chovendo nos dias seguintes.

A aplicação em pré-emergência foi realizada com a soja apresentando três trifólios e com as plantas daninhas medindo de 3 a 7 cm de altura.

As contagens das plantas daninhas foram feitas aos 33 e 48 dias da aplicação. Três arcos de 0,2m<sup>2</sup> foram atuados por parcela, perfazendo-se 5% da área útil. Também avaliou-se a fitotoxicidade à cultura, peso verde e seco de plantas de folha larga e estreita em separado, número de plantas finais e produção de grãos nas duas linhas centrais da parcela.

As plantas daninhas predominantes no ensaio foram: beldroega (*Portulaca oleracea* (L.)), caruru (*Amaranthus hybridus* (L.)), guanxuma-branca (*Sida* sp), anileira (*Indigofera hirsuta* L.), picão-preto (*Bidens pilosa* L.) e capim-colchão (*Digitaria sanguinalis* (L.) Scop.).

No controle de beldroega todos os tratamentos apresentaram eficiência acima de 77%. Para caruru destacaram-se o B (100%), H(93%), I(85%), C(81%) e A(78%). Para guanxuma-branca os mais eficientes foram o C(92%), H(87%), I(82%) e A(71%). Os mais eficientes no controle de picão-preto foram H(83%), F(79%) e I(71%). Nenhum dos herbicidas foi eficiente para a anileira. Os tratamentos mais eficientes no controle de capim-colchão foram o C(97%) e o B(70%).

Portanto, no controle global de folhas largas destacaram-se o alachlor, chloramben + bentazon e bentazon + mefluidide. Para gramíneas destacou-se apenas alachlor.

Foram observados sinais de fitotoxicidade apenas nos tratamentos em pós-emergência que continham o chloramben.